

Representações da experiência no programa “residência pedagógica -narrativas verbo-visuais”

Clécia Alves de Souza 

Ana Emilia Fajardo Turbin 

Resumo

O presente artigo pretende mostrar os resultados do programa “Residência Pedagógica” da CAPES. Para essa finalidade, os alunos (residentes) desenharam o que seriam suas representações da experiência vivida em uma escola do ensino médio de Brasília-DF. Conduzimos um estudo de caso, dentro do paradigma qualitativo, interpretativo de pesquisa. Quatro alunos desenharam, e suas produções foram analisadas à luz da teoria da gramática visual de Kress e Van Leeuwen. Os resultados mostram que os efeitos do programa foram positivos, muito embora houvesse dificuldades e problemas. Os residentes (alunos) representaram suas experiências de várias formas: linhas dividiam a experiência cronologicamente, mostrando um continuum; realçaram a imagem do professor como aquele que detém o conhecimento; também representaram o professor sofrendo no meio dos alunos, que não tinham nenhum interesse; um professor amigo dos alunos, e outro que supera as adversidades da residência. Os resultados podem ser levados em consideração, para orientação de alunos em planejamento de aulas na orientação de futuros programas.

Palavras-chave: Ensino de inglês. Representações. Residência Pedagógica. Desenhos. Gramática Visual.

Representations of the experience in the program “pedagogical residence - visual-verbal narratives”

**Clécia Alves de Souza
Ana Emilia Fajardo Turbin**

Abstract

The article intends to show the results of the Program Pedagogical Residence of CAPES. For this purpose the students /residents were asked to draw what they felt after completing the program in a public high school in Brasilia. A case study was conducted within the qualitative and interpretive research paradigm. Four students illustrated what they experienced, and their productions were analyzed in light of Kress and e Van Leeuwen’s Theory of analysis of Visual Grammar. The results show that the effects of the program were positive even though there were problems and difficulties. The students (residents) represented in various ways their experience lines divided the experience chronologically, showing a continuum, highlighted the image of the teacher as the one who possesses knowledge and also depicted the teacher as suffering amidst the students who were not at all interested, a teacher who is “buddy friend” and one who overcomes adversities during the period of the residence. The results can be taken into account when planning lessons and advising /orienting the residents in the new programs.

Keywords: English teaching. Representations. Pedagogical Residence. Drawings.

Introdução

O Programa de Residência Pedagógica (CAPES) é uma das ações que integram a Política Nacional de Formação de Professores e tem por objetivo induzir o aperfeiçoamento da prática pedagógica nos cursos de licenciatura, promovendo a imersão do licenciando na escola de educação básica, a partir da segunda metade de seu curso. Este programa da CAPES, entre outros, visa à implementação de projetos inovadores que estimulem a articulação entre teoria e prática nos cursos de licenciatura, conduzidos em parceria com as redes públicas de educação básica. As autoras deste artigo participaram da primeira edição desse projeto, no período de agosto de 2018 a janeiro de 2020: Ana Emilia Fajardo Turbin, professora da Universidade de Brasília, participou como docente orientadora; e Clécia Alves de Souza, professora concursada da Secretaria de Estado de Educação, que atualmente leciona em uma escola de Ensino Médio no bairro Asa Norte em Brasília-DF, participou como preceptora da mesma edição.

Decidimos documentar, através deste artigo, a experiência que tivemos nesse tempo de contato com licenciandos de língua inglesa da Universidade de Brasília, que fizeram residência em escola pública do ensino médio regular. Para tanto, levantamos uma questão que pode ser classificada como primordial acerca do programa: “Qual efeito teve a Residência Pedagógica sobre os licenciados ou, usando o termo cunhado no programa, os residentes pedagógicos?”

Para darmos resposta a essa pergunta inicial, logo após a finalização do programa residência pedagógica, pretendemos percorrer conceitos teórico-metodológicos que nos auxiliarão na análise e conclusão do nosso empreendimento.

Fundamentação Teórica

Alguns conceitos são essenciais para provermo-nos de meios científicos de análise, frente ao corpus que construímos, composto de desenhos dos residentes sobre suas experiências em contato com salas de aula. Partiremos do conceito de representação, como proposto por Kress (2006).

Representações, para Kress (2006), são processos. Os que fazem signos - sejam eles crianças ou adultos - buscam representar objetos ou entidades físicas ou semióticas. O interesse na representação do objeto emerge das condições específicas em que ele é produzido. Os que se expressam por signos exprimem seus significados através de modos semióticos, os mais plausíveis, em relação ao que se está representando.

De acordo com o autor, ele não importou teorias linguísticas para o domínio do visual. Ele acredita que ambas, a linguagem e a comunicação visual, podem ser usadas para se perceberem sistemas fundamentais de significados que constituem nossas culturas. Mas acrescenta que cada uma faz isso por meio de suas formas específicas, diferente e independentemente.

A linguagem, continua Kress, deve se valer de nomes, substantivos para se referir ao que é representado, mas a linguagem não necessita de ângulos de visão para conseguir perspectiva nem tem ou precisa de disposição espacial de elementos para conseguir os significados das relações sintáticas. Imagens, por sua vez, têm e necessitam de ambas (KRESS,2006).

Produção é outro aspecto importante ao se tratar dos desenhos que compõem nosso corpus. Observaremos, neste corpus, que desenhos feitos a lápis ou a caneta revelam-se em trabalhos físicos e articulam um texto.

A interpretação desses desenhos, ainda segundo Kress (2006), também se circunscreve em um trabalho físico de interpretação, ao usar os órgãos sensoriais. O significado do desenho dos licenciandos residentes não somente reside no discurso e no desenho em si, mas resulta do engajamento deles com o mundo, ao se utilizarem da caneta, do papel e da internet para articular o significado que dão à Residência Pedagógica e sua interpretação.

Para Kress, alguns conceitos são chave para se analisarem textos de toda ordem. Segundo o autor, modo ou meios são conceitos que envolvem recursos materiais para chegarmos a algum sentido no que estamos analisando. Trata-se de uma construção cultural, que pode ser um desenho, como temos aqui, ou mesmo sons, cheiros, gestos, meios de significar. As cores nos desenhos têm seu sentido, veem-se módulos de significado, diz o autor. Em nosso corpus temos o verbo visual, ou seja, o desenho acompanhado de pequeno texto escrito. Ambos nos permitem combinações que nos mostram ou parecem mostrar uma riqueza de significados. Para o autor (KRESS, 2016, p.177), a composição do desenho ou da imagem se relaciona ao que ela representa e aos seus significados, que se unem através de três sistemas interrelacionados, a saber:

(1) Valor da informação - a colocação dos elementos e suas relações com quem olha. A colocação dos elementos apresenta valores de informação ligados às várias “zonas” das imagens: esquerda e direita, alto e baixo, centro e margem.

(2) Saliência. Os elementos são colocados de tal forma com o intuito de atrair a atenção de quem vê, para vários graus: fundo, frente, tamanho relativo, contrastes em valores tonais e de cores, diferenças na clareza

(3) Enquadramento. Linhas conectam ou desconectam a imagem, significando que elas pertencem ou não pertencem juntas ao mesmo sentido (KRESS, 2016, p.177).

A seguir, apresentamos as categorias teórico-metodológicas que nos nortearão na análise das imagens obtidas.

A primeira categoria, o (1) **contato**, é geralmente determinada pela direção do olhar do retratado, que é captado pelo participante interativo (quem olha a imagem): “O olhar do participante (e o gesto, se presente) pede algo do observador, que ele entre em um tipo de relação imaginária com ele ou ela” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 118). Ou pode ser o

contrário, o participante retratado talvez tenha uma atitude que estabeleça distância ou frieza. Quer dizer, o participante retratado, que necessariamente é humano ou humanizado, pode emitir um olhar de demanda (olhar que é captado por quem olha – participante interativo) ou um olhar de oferta, de contemplação (olhar que não chega ao participante interativo).

Outra categoria é a (2) **distância social** que é estabelecida pelo tipo de corte utilizado na imagem, a saber: (a) *Social* (corpo inteiro, *long-shot*): as pessoas são retratadas para demonstrar uma distância recomendada para aquela figura, sem mostrar intimidade, mas expressar uma informação geral do quadro. (b) *Pessoal* (média, intermediária, *medium-shot*): nessa perspectiva as pessoas são representadas para transmitir ao mesmo tempo respeito e uma certa aproximação. A maioria das figuras públicas é mostrada nas fotos em um enfoque que aparece na televisão, existe um equilíbrio na relação de quem é representado e de quem olha, ou seja não é muito distante e nem muito próximo. (c) *Íntimo* (*close-shot*): as figuras nessa perspectiva mostram a emoção do retratado e, em outras circunstâncias, o nível de intimidade entre o retratado e a pessoa que observa.

Há, ainda, (3) a **Perspectiva**, que nasceu no período da Renascença, quando a individualidade e a subjetividade se tornaram valores sociais importantes. As imagens e as obras de arte eram analisadas de um ponto de vista específico. Essa categoria é subdividida entre (a) *Subjetividade*: perspectiva em que o observador pode analisar a imagem de diferentes pontos de vista, de maneira subjetiva e particular; e (b) *Objetividade*: sob esta perspectiva, a imagem revela tudo o que há para se saber sobre os participantes (ou o que a imagem produzida julga revelar), retrata exatamente a proposta do produtor e oferece ao leitor o poder de observar a imagem pelo ponto de vista de quem a produziu. Para Barthes (apud KRESS, 2016), o significado das imagens (por exemplo cores, roupas, comidas...) é sempre relacionado; em certo sentido, dependente de textos verbais. Para se chegar a um significado definitivo, a linguagem deve vir para salvar. O significado da imagem é por demais indefinido, é uma corrente flutuante de significados, portanto - nos diz Barthes – em toda sociedade várias técnicas são desenvolvidas com o fim de se fixar essa corrente flutuante de significados, de tal forma a contrariar o terror de signos incertos - a mensagem linguística é uma dessas técnicas.

Metodologia

De acordo com Mc Donough (1997, p. 201), os métodos introspectivos são os mais viáveis na pesquisa escolar. Não há, para o autor, fórmula garantidora de uma boa pesquisa, bem como não há necessidade de um só método. De fato, o autor advoga pela conjunção de várias técnicas na coleta de dados, o que garantirá maior plausibilidade na interpretação. Segundo ele (Ibid., p.203), um estudo de caso, dentro do paradigma qualitativo, não é um método de pesquisa, mas emprega combinações de vários métodos e técnicas, na investigação de um objeto de estudo. O estudo de caso tem um papel especial, em se tratando de pesquisa-

ação, seja para o desenvolvimento do professor, seja para o da escola. É um caminho adequado para pesquisas sobre aquisição de língua estrangeira (LE). No entanto, o estudo de somente um caso pode impedir (ou falsear) a generalização de resultados.

O que é um estudo de caso, em nossa pesquisa? Seguiremos Mc Donough (1997) e diremos que estudamos um grupo de alunos residentes em ação na rede pública, submetidos a um programa de iniciação à docência. Nosso objeto de estudo está condicionado, portanto, a certos parâmetros, tais como:

1. trata-se de um contexto particular, em tempo delimitado (um ano e meio de programa);
2. é um grupo com características próprias, cujo papel social é aprender a lecionar a LE a alunos do ensino público médio de Brasília.
3. os professores envolvidos participam do programa oferecido pela CAPES.

O *corpus* é composto de quatro desenhos que foram feitos livremente após solicitação da docente orientadora, para que representassem visualmente os efeitos da residência pedagógica em suas vidas. Alunos residentes da Universidade de Brasília, licenciandos em Língua Inglesa e suas respectivas literaturas, “residiram” ou estagiaram em escola pública regular, da cidade de Brasília, localizada na Asa Norte. Trabalharam com alunos do Ensino Médio. As salas eram bastante numerosas, com mais de 30 alunos. Houve queixas sobre as dificuldades com disciplina e planejamento; entretanto eles enfrentaram essas dificuldades até o fim do programa e em seus relatórios finais revelam o enorme aprendizado que tiveram.

Não foi tão fácil conseguir os poucos desenhos aqui apresentados; a queixa maior era falta de tempo ou “não sei desenhar”, muito embora a pesquisadora os encorajasse insistentemente. Foi pedido aos residentes desenhistas que também escrevessem um parágrafo sobre o desenho feito por eles. Todos os sujeitos residentes autorizaram a publicação de suas imagens, por escrito.

Contexto da pesquisa – a escola campo da residência pedagógica

O Centro de Ensino Médio (CEM) foi uma das escolas propostas para Residência Pedagógica (RP). A escola aceitou diversos subprojetos e, entre eles, o de Língua Inglesa. A atuação de subprojetos do programa RP alinha a ação/relação dialógica teoria, prática e realidade no âmbito da escola pública. Para a escola, esse momento e oportunidade permitiram que professores residentes pudessem aplicar métodos e técnicas de ensino da língua estrangeira na sala de aula de língua inglesa, com vistas a alcançar um dos objetivos previstos no projeto: tomar a palavra na língua alvo. A RP tinha em suas finalidades, também, capacitar os alunos da Universidade, futuros professores, a planejar e ministrar aulas dentro de abordagens e metodologias aprendidas nas várias disciplinas que compõem o currículo de Letras, entre elas Metodologias de Ensino de Línguas Estrangeiras. O projeto proposto pela

escola de ensino médio, campo desse estudo de caso, visou à interação entre professor-aluno e aluno-aluno na prática das habilidades integradas, em um contexto de conscientização da importância do aprendizado da LE como passaporte para novos conhecimentos e estabelecimento de uma relação orgânica entre escola e universidade.

A escola campo (CEM) é uma instituição de ensino público, pertencente à rede pública de ensino do Distrito Federal-DF, situada no SGAN 610, Módulo A - Asa Norte, Brasília-DF. É uma escola inclusiva e tem por missão contribuir para a formação integral do aluno cidadão, por meio de produção e aplicação de conhecimentos, além do desenvolvimento de projetos educacionais, conforme determina a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9394/96). No propósito de retroalimentar a sua prática pedagógica, o CEM tem percebido a necessidade de desenvolver reflexões no seu campo de atuação, de modo a reafirmar/rever os princípios político-pedagógicos que dão suporte às iniciativas educativas a serem implementadas pelo Ensino Médio Inovador, programa proposto pelo Ministério da Educação. Vários estudos apontam para a reformulação das bases de formação, com vistas a tornar o ensino médio mais atrativo e contextualizado, o que modifica a relação escola e mundo do trabalho. Segundo a proposta do Ensino Médio Inovador, a escola deve incorporar dimensões de um currículo inovador, que contemple atividades integradoras de iniciação científica e artístico-culturais, além de promover aprendizagem criativa por um processo de sistematização dos conhecimentos elaborados (PPP da escola).

O CEM, focalizado nesse estudo, mostrou, nos contatos que foram realizados anteriormente ao início da RP, que esperava contribuir para a melhoria da qualidade do ensino e diminuir a evasão escolar na última etapa da educação básica. Para tanto, procurou firmar essa parceria com a Universidade, recebendo desta o suporte necessário para a realização de oficinas, projetos e abrindo, também, espaço para recebimento de licenciandos em período de estágio. Segundo o projeto da escola, sua missão encontra sintonia na proposta do Programa de Residência Pedagógica da Capes, pois seu projeto político pedagógico diz o seguinte:

Superar a visão dicotômica, em que de um lado se coloca a teoria e de outro a prática, historicamente presente no processo ensino-aprendizagem. É fundamental uma concepção de projeto inovador, que leve em conta as experiências vivenciadas no âmbito educacional, de modo a proporcionar aos alunos a reflexão e a otimização de sua prática profissional. Desse modo, a educação de nível médio possibilitará a formação de cidadãos capazes de atuar nos processos profissionais e criar alternativas com potencial para enfrentar as problemáticas que emergem do mundo atual (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO – PPP/DF, 2018)¹⁵.

¹⁵ Foi consultado o PPP impresso (ano 2018) da escola na qual o projeto foi aplicado, cujo nome não será divulgado neste artigo.

O diagnóstico do desempenho insuficiente dos estudantes, a baixa qualidade da formação inicial dos professores no Brasil, um histórico de currículos extensos com ausência de atividades práticas e estágios curriculares sem planejamento e sem vinculação com as escolas foram alguns dos indicadores de que algo precisava mudar. Para que o tão almejado ensino de qualidade se torne realidade é imprescindível a colaboração entre as redes de ensino e as instituições formadoras. Deve haver, também, maior articulação entre teoria e prática em cursos de formação de professores e garantia de amplo domínio da BNCC, além de uma visão sistêmica e articulada entre instituições formadoras e escolas de educação básica. Para alcançarmos estes propósitos, esta escola de ensino médio abriu as portas para o programa da CAPES.

Sujeitos residentes

Os alunos da escola focalizada, em sua grande maioria, são adolescentes entre 13 e 18 anos. Segundo Erikson (1963, p.307), nessa fase da vida, os adolescentes estão assolados com perguntas tais como: quem sou eu e o que pensam de mim. Eles comparam o que seu círculo de amigos significativos pensa a respeito deles com o que eles mesmos chegaram a sentir que são. Os adolescentes tentam conectar seus sonhos, idiossincrasias, papéis e habilidades cultivados anteriormente com os protótipos sexuais e ocupacionais do dia.

Nesse estudo de caso, os residentes que se propuseram a representar a experiência da residência tinham idades variadas, a saber: DY, 22; RU, 21; HU, 27 e DAM, 45 anos.

Frente às salas de adolescentes, tiveram que aprender a se posicionar como professores e nada foi fácil, pois, como visto, a adolescência busca reconhecimento e compreensão, e muitos desses residentes nunca se viram em contato com adolescentes, alunos de língua inglesa. Ficaram estupefatos e apreensivos com o que viram e experimentaram em sala, mas conseguiram terminar o programa e ainda representar o que sentiram durante o tempo em que permaneceram.

Análise dos desenhos e dos pequenos textos

Analisaremos a seguir as imagens produzidas pelos residentes, levando em consideração as categorias mencionadas acima. Pudemos categorizar quatro representações:

1. DY - aprendiz de professor,
2. RU - professor “amor”;
3. HU - professor “vamos compartilhar?”; e
4. Dam - professor “sofrer e aprender”.

Imagem 1: Residente DY.



Fonte: Acervo das pesquisadoras.

Descrição e análise do desenho de DY - cronologia

DY nos oferece uma narrativa cronológica de sua experiência na escola dentro do programa Residência Pedagógica (RP). Inicia com o *Antes da RP*, passando por: *Primeiros Meses de RP*, *Meses Finais de RP* e *Meses Depois da RP*. Observamos bolhas que significam o pensamento da licencianda em Letras Inglês. Ela numera os desenhos com seus pensamentos. No número 1, observamos que ela está pensando que, enquanto na universidade, ouve somente a teoria de como se ensina inglês e se pergunta :será que darei conta? Na segunda figura, retrata

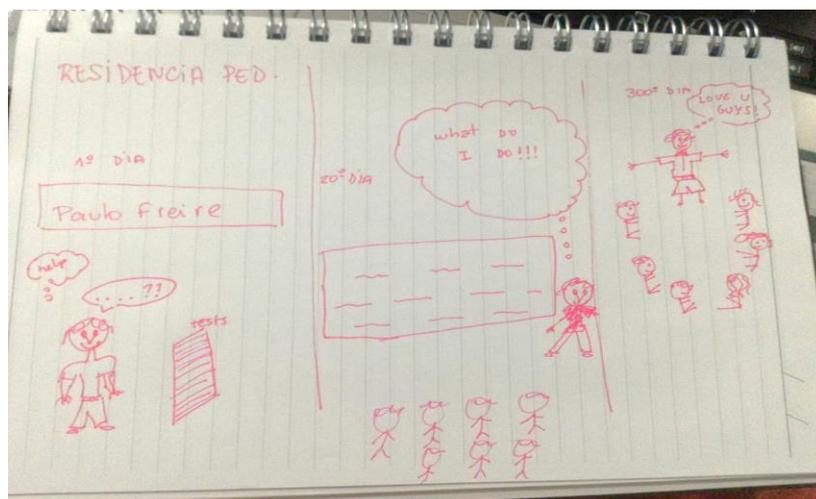
a professora em verde, apontando para a lousa. DY desenha a matéria sendo estudada - o clima em inglês: *sunny*, *rainy* (ensolarado, chuvoso).

A lousa é mostrada com didatismo: figuras de um lado, escrita de outro, letras grandes e figuras exemplificando o tempo chuvoso e ensolarado. No desenho, ela está de pé, olhando a professora lecionar e explicar a matéria. Vemos bolhas com seu pensamento, que se refere às estratégias usadas pela professora preceptora. Na figura 3, ela se mostra contente e é a protagonista em frente aos alunos que se gabam de ter entendido com facilidade. Ela pensa que não acredita estar conseguindo dar aula mesmo com os obstáculos. Nos meses finais, ela se desenha maior e sorridente e pensa estar mais preparada por conta da experiência vivida. O texto escrito vem logo abaixo das figuras desenhadas e, de certa forma, replica o que as imagens dão a entender.

Os desenhos e textos mostram claramente a evolução que a licencianda residente experimentou no decorrer dos 18 meses do programa. Tal evolução pode ser atribuída à articulação entre a teoria e a prática social da docente. Mais importante ainda do que se tornar um excelente professor é extrair dessa articulação as ferramentas para se tornar um professor reflexivo. A análise do desenho de DY nos mostra uma residente caprichosa. Quanto à categoria do valor da informação, a distribuição simétrica das figuras e dos balões de comunicação no papel possibilita uma completa visualização da mensagem e é agradável de se ver. A numeração dos quadros revela uma preocupação com a indicação do processo evolutivo. Nesse processo, há mudanças de cores no traje da residente: nos meses iniciais ela usa amarelo e nos finais vermelho. Sabemos que vermelho é uma cor que denota força, fogo, e é também a cor normalmente atribuída ao coração

Não à toa, sua última representação foi feita do lado esquerdo, o lado do coração. Observamos que a residente organiza a disposição dos quadrinhos em sentido horário (normalmente é o contrário), ela se preocupou em numerar e ainda indicar com setas para que a sequência fosse corretamente percebida pelo leitor até chegar do lado esquerdo do papel e salientar sua imagem, que se apresenta mais à frente do que as anteriores que estão mais ao fundo. Esse tamanho da figura mostra seu crescimento como sua realização do processo evolutivo mencionado anteriormente.

Imagem 2: Residente RU.



Fonte: Acervo das pesquisadoras

Descrição do autor: “Quando entramos numa escola pública, de volta, mas como professores, dá um sentimento terrível de *dread* e medo de não saber o que fazer, dar um branco, dentre outras fobias docentes; entretanto com auxílio das preceptoras e dos colegas, conseguimos dar uma aula de alto nível, há alunos que notavelmente aprendem com a aula, tirando nosso medo de ser professor e nos colocando no mundo da profissão”.

Descrição e análise do desenho de RU - cronologia

No desenho de RU, vemos, como no anterior, uma cronologia. Ele inicia a residência a partir do primeiro dia, nomeia a escola, e mostra-nos uma figura que olha dizendo “help” (socorro). A seu lado, veem-se testes a serem dados ou corrigidos e uma bolha em branco com reticências. Na segunda parte do desenho, ele marca “2º dia”, e ainda mostra o que pensa – “What do I do?” (O que eu faço?). Ele se posiciona ao lado da lousa que tem escritos e seus alunos estão todos de costas olhando para ele. Na terceira divisão do desenho, RU marca o 300º dia. Ele se mostra sorridente, com seus braços abertos, e exclama na bolha: “I love you, guys!” (Eu amo vocês, caras!). Os alunos olham uns para os outros e não para o professor somente. Há um círculo, e todos não estão mais de costas. O professor está na parte de cima do círculo, como os alunos. O texto escrito abaixo do desenho salienta o medo do início até seu fim, quando ele se sente professor de verdade. A frase final desse desenho (“I love you, guys!”) demonstra que o licenciando residente captou a essência da prática pedagógica que é o envolvimento com o aluno, se conectar com ele, interagir; é o “*establish rapport*”, que pode ser compreendido como a habilidade de estabelecer uma relação harmoniosa, baseada em alguma afinidade. O residente RU conseguiu estabelecer essa conexão com os alunos e expressou isso na forma mais autêntica e esperada de um professor: a expressão do sentimento, pois quando há amor envolvido no processo ensino-aprendizagem há maior possibilidade de fluidez. Nesse desenho, fica muito clara a categoria de enquadramento, pois o

residente usa linhas para dividir as fases de sua experiência. Observamos, em cada espaço criado pelas linhas, diferentes tipos interativos:

1. ele está sozinho, com testes e pontos de interrogação;
2. ele está distante dos alunos, mas em frente à lousa;
3. ele está em um círculo de braços abertos, acolhedores, com seus alunos, e diz que os ama.

Imagem 3: Residente HU.



Fonte: Acervo das pesquisadoras

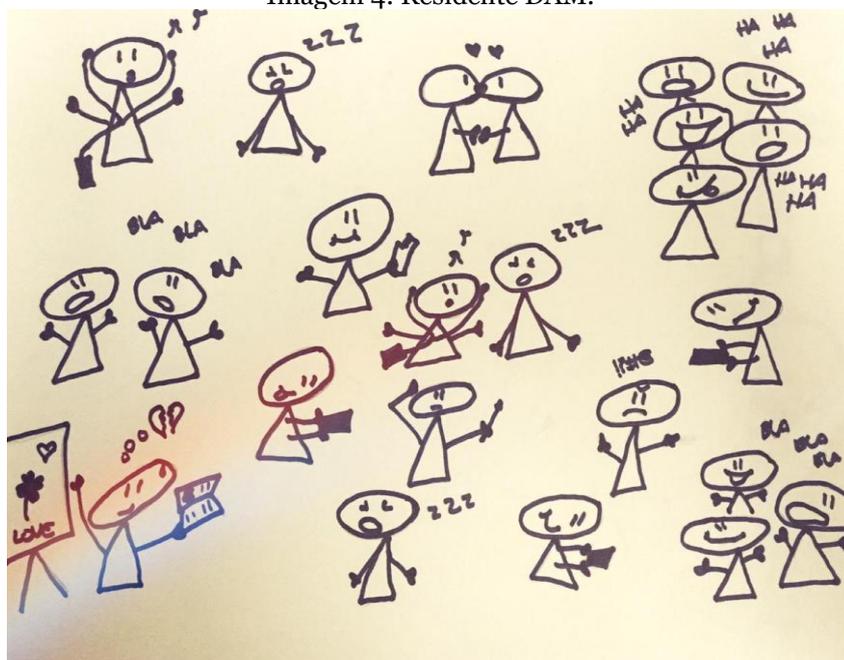
Descrição do autor: “No desenho eu demonstro como é feita essa troca de conhecimentos e aprendizados. A experiência é muito boa para nos ensinar como ser melhores professores e como saber lidar com os alunos em sala de aula da melhor maneira possível. A residência nos dá uma experiência sobre o ensino, e isso é excelente”.

Descrição e análise do desenho de HU – Social

A análise da imagem de HU descortina a categoria **Social** com corpo inteiro (“long-shot”). Nela, as pessoas são retratadas de uma forma que demonstra certa distância, chegando até a sugerir uma falta de intimidade. À primeira vista, a imagem que está à frente de uma lousa e representa o professor parece fazer um movimento que se assemelha ao de um super-herói, que usa o poder que emana de suas mãos e chega até os alunos. Estes, por sua vez, estão em disposição passiva de recebimento e acúmulo das informações que brotam do professor. Talvez isso ainda revele uma visão conformista da educação, de que o professor é aquele que

transmite um conhecimento do qual é detentor. Porém, mesmo sendo detentor, observamos, na categoria da saliência, que ele se posiciona diante da lousa e do *notebook*. Em outras palavras, suas mãos e presença frente aos alunos se salientam. Nesta figura, não observamos enquadramento com linhas divisórias de momentos, mas a saliência do professor, que se destaca fisicamente próximo ao grupo de alunos. Estes também estendem as mãos para o professor. Observamos linhas que são transmissoras de “knowledge” e “English!” (conhecimento e inglês), e os alunos parecem estar receptivos, de modo a receber o que o professor tem a oferecer, pois parecem sorrir. Fica aqui evidente a categoria *contato*, que como docentes sabemos ser fundamental para deflagrar o conhecimento, seja em qualquer campo do saber.

Imagem 4: Residente DAM.



Fonte: Acervo das pesquisadoras

Descrição do autor: “Um misto de amor e susto, dedicação e esgotamento. Tem de ter um dom extra, senão desanima mesmo. Sou aluna toda uma vida e vejo muita mudança na postura dos alunos de ensino médio. Pra mim, o maior desafio não é preparar as aulas para ministrar e sim conseguir despertar o interesse contínuo do estudante nos dias de hoje”.

Descrição e análise do desenho de DAM - Objetividade

O desenho feito pela licencianda residente DAM mostra muito do assunto que se apresentava como recorrente entre ela e a professora preceptora: a dificuldade encontrada pela residente em cativar a atenção dos alunos durante as aulas. A residente expunha essa questão

durante a preparação do plano de aula e em cada *feedback* fornecido pela preceptora. A categoria **Objetividade** pode ser encontrada na imagem de DAM. O desenho feito por ela revela tudo o que há para saber, ou exatamente o que se pretende demonstrar. Nele, os alunos são retratados exatamente como se comportam em sala, e a imagem revela o ponto de vista de quem desenhou: enquanto o professor fala, alguns prestam atenção, outros mexem no celular, outros fazem carinho um no outro: sim, os alunos que namoram entre si sentam-se lado a lado e insistem em ficar de mãos dadas durante a aula. Outros formam pequenos grupos de conversa paralela, alguns se debruçam no apoio na cadeira e dormem e ainda há aqueles que conseguem fazer três coisas ao mesmo tempo: mexer no celular, conversar e sorrir. Esse é um grande desafio que ainda precisa ser alvo de estudos acadêmicos. Na prática, o professor tem adotado a estratégia de estímulo/recompensa. Alunos só se envolvem em tarefas que resultaram em *scores*. Pragmatismo é a nova ordem dos alunos. A residente DAM expressa, no desenho e no pequeno texto, que captar a atenção dos alunos e fazer com que se envolvam na aula é uma tarefa mais árdua do que preparar e ministrar aulas. Todavia, quem sabe tudo não começa na preparação da aula? Como construir um plano que resulte em aulas envolventes? Esse é um indicativo do que pode ser alvo de atenção e cuidados para os próximos integrantes da Residência Pedagógica. Do ponto de vista da saliência, DAM está em posição simétrica aos alunos, agrupados em grupos pequenos ao redor da sala. Observamos que há aqui uma manifestação interessante da categoria contato: o ruído é representado por balbucios escritos onomotopeicamente: “Zzz”, “rrrr” etc.

Considerações

O programa Residência Pedagógica atendeu uma necessidade dos graduandos da UnB, futuros professores de língua inglesa. Ele respondeu a uma questão antiga, observada nas práticas do curso, de que há um considerável distanciamento entre os discursos acadêmicos e as ações realizadas nas escolas. Tal distanciamento é tido como um obstáculo a ser ultrapassado na estrutura e organização dos cursos de formação inicial. A RP permitiu a aproximação do cotidiano da escola com o currículo estritamente acadêmico que normalmente é planejado e desenvolvido nas Universidades.

Os desenhos dos licenciandos residentes mostram duas situações. Dois deles retratam a evolução do residente em sua experiência como regente de uma sala de aula, evidenciando o progresso obtido, a superação inicial do medo de ser o “responsável” por uma turma, a confiança que foi adquirindo ao longo dos meses de regência e, por fim, a percepção de que o professor estava feito, ou seja, o residente conseguiu se ver como professor, numa apropriação real da condição de docente. Outra situação também foi percebida em um terceiro desenho: o professor ainda em formação. A percepção de que o objetivo não foi atingido em sua totalidade.

Alguns alunos não foram alcançados, a simbiose ensino-aprendizagem precisa de alguns ajustes para ser efetivada plenamente. Mas isso, acredita-se, também pode estar ativando o processo. A jornada não está interrompida, pois o caminho está livre para ser trilhado.

Referências

- ERIKSON, H.E. **Childhood and Society**. 2. ed. New York: WW Norton & Company INC., 1963.
- MC DONOUGH, J.; MC DONOUGH, S. **Research Methods for English Language Teachers**. Londres: Arnold, 1997.
- VAN LEEUWEN, T.; KRESS, G. **Reading Images. The Grammar of Visual Design**. London; NY: Routledge, 2006.
- _____. **Multimodal discourse, the modes and media of contemporary communication**. London: Arnold, 2001.

Biografia Resumida

Ana Emilia Fajardo Turbin: licenciatura em Educação, pela Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo-USP; licenciatura em Letras - Inglês e respectivas literaturas, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC-SP; mestrado em Linguística Aplicada, pela Universidade de Campinas-UNICAMP; doutorado em Linguagem e Educação, pela Universidade de São Paulo-USP; pós-doutorado em Letras – Inglês, pela Universidade Federal do Tocantins-UFT, em Araguaína; pós-doutorado em Linguagem e Tecnologia, pela Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG, Belo Horizonte. Professora adjunta-4 da Universidade de Brasília-UnB, Brasília. Líder do grupo “O medo de falar a língua estrangeira”, na Universidade de Brasília-UnB. Agradeço à Capes pela bolsa que recebi como docente orientadora do programa Residência Pedagógica, de 2018 a 2020.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2069631468037931>

e-mail: anemiliaturbin@gmail.com

Clécia Alves de Souza: licenciatura em Letras Inglês – Português, pela Faculdade de Educação Ciências e Letras Ilmosa Saad Fayad; Bacharel em Ciência Política pela Universidade de

Brasília-UnB; Especialista em Língua Portuguesa pela Universidade Salgado de Oliveira; Especialista em Leitura, Análise e Produção de Texto, pela Universidade de Brasília-UnB. Professora efetiva de LEM – Inglês, da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Agradeço à Capes pela bolsa referente à minha participação como professora preceptora no Centro de Ensino Médio Paulo Freire, escola integrante do programa de Residência Pedagógica de 2018 a 2020

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2158088632693128>

e-mail: cleciagsouza@gmail.com